

OPÇÕES DE RECURSOS VOLUMOSOS PARA ÉPOCA SECA

André Luiz Monteiro Novo¹

INTRODUÇÃO

Em decorrência das profundas mudanças no cenário econômico de nosso País ocorridas nos últimos anos, a demanda por informações técnicas referentes à produção de volumosos para bovinos aumentou significativamente. Este novo contexto, em que palavras como globalização, competitividade, eficiência, qualidade e produtividade estão na ordem do dia, exige do produtor uma atitude no sentido de mudar a situação de sua propriedade, sob pena de não ser competitivo e em um curto período de tempo, abandonar a atividade.

Qualquer sistema de exploração tecnificado de bovinos que pretenda ser eficiente e lucrativo deve atender algumas condições essenciais dos animais, como por exemplo, o atendimento das exigências nutricionais das categorias do rebanho durante todo o ano, ou seja, o profissional da pecuária de leite ou corte deve ter um perfeito entendimento dos conceitos básicos da nutrição de seus animais, assim como obter eficiência e racionalidade na produção de alimentos, em quantidade suficiente e qualidade compatível com o potencial do rebanho. Um bom exemplo do desconhecimento do real significado do que seja qualidade em volumosos para bovinos está na utilização da silagem de milho e na mística em torno deste recurso forrageiro.

Em consultoria no Brasil em 1996, Dr. Gilad Ashbell, especialista israelense em conservação de alimentos afirmou:

“Silagem de boa qualidade não acontece por acaso. Exige manejo adequado e atenção a detalhes”

Porém na quase totalidade das fazendas visitadas por este consultor no Brasil, foram observados erros conceituais grosseiros que por consequência deram origem a silagens de baixa qualidade, mesmo em fazendas de grande porte e profissionalizadas.

¹ Engº Agrônomo, Técnico Especializado da Embrapa Pecuária Sudeste, Rod. Washington Luiz, km 234, 13560-970. São Carlos, PS. E-mail: andre@cppse.embrapa.br

Os principais problemas observados são relatados a seguir:

- baixa produtividade da lavoura
- baixo teor de grãos na massa a ser ensilada
- excesso de umidade (ponto inadequado de colheita)
- tempo prolongado de enchimento de silo
- picagem grosseira
- compactação deficiente
- dimensionamento incorreto do silo

Se averiguarmos tais informações junto aos diversos laboratórios de análise bromatológica, observaremos uma unanimidade na confirmação do baixo valor nutricional das silagens de milho, sorgo e de outras forrageiras na maior parte das amostras analisadas.

Apesar disso é comum depararmos com afirmações do tipo:

“... não sei porque, mas minhas vacas não produzem leite ...e eu uso silagem de milho...!”.

Observa-se normalmente um aumento no custo de produção derivado da maior quantidade de concentrado necessária para corrigir as deficiências nutricionais destas silagens de baixa qualidade, conforme demonstra Nussio (5) em simulação na Tabela 1.

Tabela 1. Simulação da necessidade de concentrado suplementar para manutenção da produção de leite de vacas submetidas a dietas de silagens de milho com níveis variáveis de grãos

	Silagem de milho	
	Baixa % grãos	Alta % grãos
% NDT	63	74
Consumo MS % PV	3,2 (19,2)	3,2 (19,2)
Consumo MS Silagem % PV	1,95 (11,7)	2,6 (15,6)
Exigência NDT (kg)	13,25	13,25
Cons. NDT Silagem (kg)	7,37	11,54
Déficit NDT (kg)	5,8	1,71
Consumo de Concentrado.* (kg)	7,4	2,2

* Concentrado com 78% NDT

Vaca com 600 kg PV

Produzindo 25 kg leite/dia

Nas condições dos sistemas de produção de leite ou carne no Brasil em que ainda é muito baixo o grau de especialização, a produção de volumosos de qualidade na propriedade passa a ser determinante na obtenção de custos baixos de produção e na competitividade do produto junto ao mercado cada vez mais exigente em preço e qualidade. A falta de opção para compra de volumosos de boa qualidade e a custos razoáveis, como em países de pecuária desenvolvida, exige do produtor um elevado grau de profissionalismo e planejamento. Em outras palavras, um bom pecuarista deve, antes de tudo, ser um bom agricultor.

Dessa forma, é necessário uma reorientação de técnicos e produtores quanto ao real significado de qualidade e da necessidade de adequação ou escolha do volumoso mais apropriado para cada caso, considerando as seguintes variáveis:

- nível de desempenho animal esperado
- capacidade gerencial do produtor
- aptidão como agricultor
- condições edafo-climáticas e de topografia
- preços relativos dos concentrados e do produto (leite, carne, etc)
- qualidade, disponibilidade e custo da mão-de-obra

PRINCIPAIS OPÇÕES

a) Silagem de milho

Devido a grande área cultivada na região Centro-sul do Brasil e a possibilidade de obtenção de silagem de alta qualidade, o milho ainda é a forrageira mais plantada para este fim. Considera-se que é a forrageira quase perfeita para as condições de ensilagem, pela alta digestibilidade de toda a planta, pelo teor de matéria seca adequado no momento do corte, conteúdo adequado de carboidratos solúveis e baixo poder tampão favorecendo uma fermentação adequada e alta ingestão voluntária. A opção pelo milho deve estar baseada em análises realistas do potencial genético do animal, da performance esperada e da capacidade gerencial do produtor, pois sem dúvida é a opção adequada para lactações acima de 7.000 kg de leite (305 dias) ou ganho de peso superior a 1,5 kg/dia.

b) Silagem de sorgo

A opção do uso do sorgo como forragem para ensilagem sempre esteve ligada a imagem de alta produção de biomassa e de qualidade bem inferior a do milho, devido ao uso de variedades forrageiras, de porte alto e com poucos grãos. Além disso, problemas recorrentes com tombamento das plantas impediram a ampliação da área plantada para este fim

Recentemente, com o lançamento de variedades de duplo propósito (grãos e massa), esta forrageira tornou-se uma opção bastante interessante quando o objetivo é silagem de qualidade, apresentando os seguintes pontos favoráveis

- maior produção de matéria seca que o milho, quando em plantios tardios (novembro, p.ex) e rebrotas
- menor exigência hídrica (maior tolerância a veranicos) e de fertilidade de solo adequado para plantio em áreas próximas a estradas e rodovias
- melhor ensilabilidade e picagem mais homogênea, facilitando a compactação e diminuindo perdas no cocho

Dependendo da quantidade de grãos na massa ensilada e da qualidade do processo de ensilagem, o valor nutricional pode ser semelhante ao do milho, porém se o corte for feito tardiamente, ou seja, posterior ao ponto farináceo, haverá decréscimo na digestibilidade do grão que passará intacto pelo trato digestivo do bovino.

c) Silagem de gramíneas tropicais(elefante, tanzânia, etc.)

A utilização de gramíneas, como as variedades do capim elefante e outros capins, para silagem não é recente, porém tem recebido maior atenção ultimamente devido a maiores dificuldades na produção das silagens tradicionais, de milho ou sorgo, como por exemplo, limitações de crédito, instabilidades climáticas e necessidade de maior produção de matéria seca por área, sendo este o fator de maior destaque destas espécies. As principais vantagens das silagens de capins são

Alto potencial de produção por área: de 40 a 50 toneladas de matéria seca por ano desde que bem manejados, representando em média 3 vezes a produção de matéria seca do milho por exemplo

Perenidade

Baixo risco de perdas na cultura

Maior flexibilidade no período de colheita

Menor custo por quilo de matéria seca

Porém o principal problema das silagens de capins é o elevado teor de umidade no ponto adequado para colheita ou seja, quando a forragem apresenta valores satisfatórios de proteína digestibilidade, teores de carboidratos solúveis e boa produtividade o teor de matéria seca encontra-se baixo (entre 16 a 22%) impróprio para uma boa fermentação. Normalmente, sem a pré-secagem ou utilização de aditivos, a fermentação é predominantemente butírica, com perdas de efluente e baixo consumo voluntário ocasionando desempenho animal insatisfatório

Este problema tem sido contornado através da adição de produtos como polpa de citrus peletizada ou cama de frango entre outros, além do uso de inoculantes biológicos com resultados bastante promissores.

d) Cana-de-açúcar

Outro exemplo de conceito distorcido sobre qualidade de alimentos volumosos diz respeito a utilização de cana-de-açúcar como forrageira para época seca. Estudos da década de 50, onde a cana foi utilizada como único ingrediente da dieta sem suplementação protéica, concluíram que este volumoso era inadequado para vacas leiteiras, sendo este fato amplamente divulgado em todo meio rural. Os problemas advindos de uma dieta desbalanceada em seu teor protéico eram facilmente observados no campo, como por exemplo, pêlos arrepiados, baixa produção, diarréia, intoxicação e mesmo morte em alguns casos. Para contornar estes problemas, houve na época um extenso programa de seleção de variedades das chamadas "canas forrageiras" e tinha como objetivo desenvolver variedades com as seguintes características:

- maior teor de proteína
- baixo teor de açúcar
- corte 2 ou 3 vezes ao ano
- ausência de joçal
- despalha fácil
- diâmetro menor do caule
- rusticidade

Porém esta estratégia demonstrou-se equivocada, pois apesar do aumento no teor protéico das novas variedades (4 a 5 % contra 2 a 3 % das anteriores), este ainda estava muito aquém das exigências mínimas de um animal em produção, que está ao redor de 15 a 16 % na matéria seca da dieta total. Como resultados, problemas de baixo consumo, baixa produção de leite e reprodução irregular, persistiam entre os que utilizavam as novas variedades.

Sabe-se atualmente que as variedades que possuem maior digestibilidade e portanto, indicadas para bovinos, são as que possuem maior teor de açúcar (variedades de usinas) e desde que devidamente corrigidas com uréia ou outra fonte protéica qualquer, minerais e uma fonte de amido de baixa solubilidade, torna-se um recurso inestimável e uma excelente opção, mesmo para vacas de produção elevada. Alguns fatores favoráveis ao uso da cana de açúcar são:

- colheita coincidente com período seco
- tradição de cultivo em nosso meio
- baixo risco de perdas na implantação e na condução
- semi-perene
- alta produção de matéria seca (40 t/ha)
- mantém a qualidade durante o período seco

e) Fenos

O processo de conservação de forragem através da desidratação do material é tecnicamente mais simples do que um processo fermentativo como a ensilagem. Se compararmos estes métodos observamos menores perdas no campo e maiores perdas

durante a fermentação e estocagem quando utilizamos a silagem. Na fenação ocorre o inverso, com maiores perdas no campo e menores perdas na conservação do produto. Devido a este problema existe uma tendência em todo o mundo, de substituição do feno por silagens pré-secadas em que a forragem permanece menos tempo sujeita a perdas.

Da mesma forma que na silagem, inexistente no meio rural o conceito de qualidade para feno sendo comum a comercialização e o uso de qualquer capim velho, bem seco, amarelado e sementeado ou seja, sinônimo de palha. Apesar das condições climáticas serem favoráveis a fenação na maior parte do Brasil Central, alguns fatores dificultaram a disseminação desta prática, como por exemplo, a falta de tradição em manejo e adubação de pastagens tropicais e dos problemas com a falta de maquinário apropriado.

Porém se a planta estiver no ponto correto e a fenação for bem conduzida, este recurso pode ser de grande valia pela obtenção de bom desempenho animal aliado a um dos mais baixos custos de MS possível de se obter.

CONCLUSÃO

Existem outras estratégias para fornecimento de volumosos para época seca, como plantio de aveia ou azevém em áreas de pousio após a retirada das culturas anuais, e apresentam excelente qualidade para produção de leite e carne, porém de menor expressão no Brasil Central devido a necessidade de irrigação durante o inverno normalmente seco. Além disso, a baixa produção de MS/ha normalmente significa maiores custos de produção.

Qualquer que seja a opção escolhida deve-se ter como objetivo a produção racional e econômica, buscando produtividades elevadas de volumosos de qualidade único caminho para produção a baixo custo.